



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**BEATRIZ NOGUEIRA ARBEX**

**ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: O PAPEL DAS PRODUÇÕES  
ARTÍSTICAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO**

**SÃO PAULO**

**2023**

BEATRIZ NOGUEIRA ARBEX

**ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: O PAPEL DAS PRODUÇÕES  
ARTÍSTICAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Flávia Arantes Hime.

Aluna: Beatriz Nogueira Arbex

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime

SÃO PAULO

2023

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Valéria e Marcelo, por me presentear com o amor e a arte que moldaram minha caminhada

Aos meus avós, que despertaram em mim a sensibilidade para a temática da morte

À Marília, por toda parceria e acolhimento nos mais diversos momentos

À Flavia, minha orientadora, pela leveza ao me deixar conduzir o processo de pesquisa

Aos professores que fizeram parte de minha trajetória escolar e acadêmica, por todos os ensinamentos

E a todos que, de alguma forma, se fizeram presentes na elaboração dessa pesquisa

*O luto nos permite curar, lembrar com amor em vez de dor.*

*É um processo gradativo.*

*Uma a uma, você vai soltando as coisas que se foram e lamenta por elas.*

*Uma a uma, você mantém as coisas que passaram a fazer parte de quem você é e constrói de novo.*

*- Rachel Naomi Remen*

## RESUMO

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.10.01-5 – INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: O PAPEL DAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO

AUTOR: BEATRIZ NOGUEIRA ARBEX – bia.arbex.27@gmail.com

ORIENTADOR: PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> FLAVIA ARANTES HIME – fahime@pucsp.br

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO –  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – PUC-SP

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o papel da arteterapia e das produções artísticas na elaboração do luto sob o viés da Psicologia Analítica, de maneira a: i. investigar a importância da utilização da arteterapia durante o processo de enlutamento dos indivíduos, e ii. compreender a relevância dos símbolos envolvidos na terapia artística realizada dentro do contexto do luto. Para isso, foi utilizada a modalidade de pesquisa qualitativa, caracterizada como uma abordagem interpretativa e compreensiva, que busca os significados dos fenômenos estudados. O procedimento de coleta consistiu em entrevistas semi-dirigidas realizadas com três psicólogos(as) que utilizam técnicas de arteterapia em seus atendimentos e têm conhecimento acerca da abordagem Junguiana. Posteriormente, foi realizada uma articulação entre os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica e os dados coletados por meio da observação, interação e escuta da pesquisadora. As principais conclusões da pesquisa evidenciaram que a arteterapia se revela como uma ferramenta valiosa para acessar, expressar e integrar conteúdos inconscientes relacionados ao luto. Através da comunicação consciente-inconsciente por meio dos símbolos que surgem nas produções artísticas, os indivíduos conseguem explorar e dar forma às suas experiências de luto, facilitando a reflexão, a compreensão e a elaboração emocional. Estudos acerca da articulação entre a arteterapia, o luto e a Psicologia Analítica se mostram importante para ampliar o conhecimento acerca de uma técnica terapêutica que pode ser utilizada em diversas atuações do psicólogo, inclusive no contexto de elaboração da perda.

**Palavras-chave:** arteterapia, luto, Psicologia Analítica

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA .....	6
3	OBJETIVOS.....	7
3.1.	Geral.....	7
3.2.	Específicos .....	7
4	CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	7
4.1.	Arteterapia e a Psicologia Analítica .....	7
4.2.	A experiência do luto .....	10
4.3.	Produções artísticas e o processo de luto.....	14
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	16
5.1.	Levantamento bibliográfico.....	16
5.2.	Pesquisa qualitativa em Psicologia Analítica.....	16
A)	Participantes .....	17
B)	Instrumento.....	17
C)	Procedimento de coleta .....	18
D)	Procedimento para análise dos resultados .....	18
E)	Considerações éticas.....	18
6	CAPÍTULO II: A RELAÇÃO ENTRE ARTETERAPIA E ELABORAÇÃO DO LUTO NA PRÁTICA CLÍNICA.....	20
6.1.	Resultados e discussão.....	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
8	REFERÊNCIAS .....	31
	ANEXO 1.....	34

## 1 INTRODUÇÃO

A arteterapia é um método baseado na utilização de recursos artísticos e expressivos com finalidade terapêutica, no qual os indivíduos utilizam sua expressão simbólica de forma espontânea. Essa modalidade terapêutica visa o bem-estar pessoal através da expressão não verbal, tendo como base a habilidade inata do indivíduo de se expressar e “presentificar sentimentos, sensações, intuições e conflitos em imagens, cores, sons, danças e outras formas artísticas, de maneira livre, natural, criativa e intuitiva, promovendo um encontro consigo mesmo” (JUNQUEIRA et al, 2021, p. 53).

Carl Gustav Jung foi o primeiro a utilizar a expressão artística com seus pacientes como forma de tratamento: para ele, a arte era uma forma de estimular a simbolização do inconsciente individual e coletivo. Segundo a União Brasileira de Associações de Arteterapia<sup>1</sup>, o autor acreditava que a criatividade possui uma função psíquica natural e estruturante que contribui para a evolução e estruturação da personalidade, recorrendo então à linguagem expressiva como forma de tratamento.

Nesse sentido, no contexto da psicoterapia, a arteterapia aparece como sendo um modo de trabalhar que utiliza a linguagem artística como base da comunicação paciente-profissional. Nesse procedimento terapêutico, que tem como essência a criação e elaboração artística em função da saúde, os pacientes são orientados a utilizarem a expressão simbólica de forma espontânea, realizando, por exemplo, desenhos livres e/ou de imagens que vêm à cabeça. Além de desenhos, a arteterapia também engloba outras inúmeras modalidades expressivas, como pintura, colagem, música e criação de histórias, sejam elas referentes a sonhos, situações conflituosas da vida pessoal ou outras vivências do paciente.

A atividade artística permite ao indivíduo o contato com seus símbolos, criando uma ponte entre consciente e inconsciente, individual e coletivo, e contribuindo para o processo de equilíbrio psíquico (REIS, 2017). Nesse contexto, o psicólogo se torna responsável por disponibilizar um espaço propício no qual o paciente possa explorar seus potenciais e expressar suas emoções de forma menos resistente, utilizando os

instrumentos que melhor compreendam os conflitos e acontecimentos particulares do indivíduo.

Ao possibilitar o acesso e a elaboração de conteúdos afetivos através da expressão simbólica, a arteterapia se mostra como um recurso facilitador na expressão do luto. Os meios de expressão artística auxiliam na conexão do enlutado com seus sentimentos e emoções, possibilitando o reconhecimento e a regulação desses. Nesse sentido, Junqueira, Hernandez e Franco (2021) entendem que a utilização da arte no contexto de enfrentamento de uma perda significativa colabora para a reconstrução de recursos internos e adaptação às mudanças intrínsecas no processo de luto. A arte faz com que o indivíduo seja capaz de dar formas a seu pesar e seu sofrimento, que antes poderiam parecer inomináveis. Dessa forma, torna-se possível a criação de novos significados para sua relação consigo mesmo, com o ente falecido e com o mundo externo.

## **2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA**

O papel da Psicologia se revela como sendo de suma importância para compreender a subjetividade envolvida no processo de enlutamento. Através da coleta de dados sobre o papel da arteterapia na elaboração do luto e da articulação desses com a fundamentação teórica da Psicologia Analítica, a presente pesquisa busca produzir conteúdo crítico que amplie o conhecimento sobre uma técnica que pode ser utilizada nas diversas atuações do psicólogo, inclusive para amenizar o sofrimento do enlutado na elaboração da perda, possuindo uma relevância social significativa. Além disso, visto que foram encontrados poucos estudos sobre o assunto, esse trabalho possui grande relevância científica ao auxiliar na criação de novas perspectivas de entendimento acerca do tema.

De maneira a abarcar todos os objetivos de pesquisa e estruturar a apresentação das informações de forma clara, será feita uma pesquisa qualitativa em Psicologia Analítica e o corpo do texto do trabalho será dividido em dois capítulos: *i.* fundamentação teórica através de levantamento bibliográfico sobre o tema; *ii.*

discussão dos dados coletados na pesquisa de campo e articulação entre esses e a fundamentação teórica trazida no capítulo inicial do trabalho.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1. Geral**

A pesquisa busca compreender o papel da arteterapia e das produções artísticas na elaboração do luto com o embasamento teórico da Psicologia Analítica.

#### **3.2. Específicos**

1. Investigar a importância da utilização da arteterapia durante o processo de enlutamento dos indivíduos.
2. Compreender a relevância dos símbolos envolvidos na terapia artística realizada dentro do contexto do luto.

## **4 CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **4.1. Arteterapia e a Psicologia Analítica**

A Psicologia Analítica, campo da Psicologia iniciado por Carl Gustav Jung, busca entender, entre outros aspectos, a influência das experiências simbólicas na vida dos indivíduos. Jung (1928/2014) entende que a psique cria infinitos símbolos e imagens com os quais a consciência tem que dialogar a todo instante. Os símbolos são produtos espontâneos da psique, portadores de energia psíquica, que transmitem ao ego a energia vital que orienta o indivíduo. Eles têm uma função reveladora do *self* e integradora entre o que é desconhecido – inconsciente individual e coletivo – e o que é conhecido – a consciência (WHITMONT, 1969/2004). Tais imagens simbólicas vivas chegam à consciência através de sonhos, fantasias ou produções artísticas; os símbolos, apesar de acessíveis ao consciente, guardam sempre um sentido desconhecido ainda não formulado.

A autora Aniela Jaffé (1964/2012, p. 232) afirma que “com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais”. O grande potencial da utilização da arte como recurso terapêutico está, então, na possibilidade de acessar símbolos cheios de significados, os quais nos impulsionam para um maior reconhecimento e elaboração de conteúdos afetivos.

Nesse sentido, a arteterapia dentro da abordagem junguiana parte do princípio de que todos têm capacidade de expressar seus conflitos interiores em símbolos e imagens visuais, auditivas e táteis. Dessa forma, é possível reestabelecer um canal de comunicação com figuras ancestrais que estão na base da existência humana e fornecem à consciência as condições necessárias para a sua ampliação (HERMANN, 2019). O símbolo, quando constelado com a ajuda de materiais expressivos,

dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem. (...) No processo arteterapêutico, os materiais expressivos diversos, a adequação do “setting” e o acolhimento do arteterapeuta permitem que a energia psíquica se traduza em concretude através das produções expressivas diversas, e a cada transformação dos materiais, analogamente aconteçam transformações a nível psíquico (PHILIPPINI, 1995, p. 2-3).

Durante o processo da arteterapia, então, é possível se aproximar das imagens que surgirão como símbolo por meio das figuras que emergem e, assim, trabalhar na tentativa de iniciar um processo de cura. A arteterapia busca abrir espaço para que sentimentos mais profundos possam emergir para serem reconhecidos e, posteriormente, ressignificados, estimulando também o crescimento interior e a ampliação da consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência (CARVALHO, 1995).

É evidente que as imagens ocupam um lugar muito importante na concepção junguiana da psique. Elisabeth Kluber-Ross (2004) afirma que desenhos espontâneos são uma das ferramentas mais eficazes e acessíveis à disposição do analista por permitirem uma interação de informações das várias áreas, manifestas ou reprimidas, da psique individual. A autora entende que “assim como a linguagem dos sonhos, a

linguagem das imagens é a linguagem do inconsciente, que surge quando a voz da consciência falha” (KLUBER-ROSS, 2004, p. 10).

Ao estudar sobre o uso de desenhos no contexto psicoterapêutico, Gregg Furth (2004) afirma que as produções artísticas em geral expressam grandes quantidades de informação sobre os conteúdos psíquicos inconscientes. Esse conteúdo inconsciente, ao ser decifrado, “fornece *insights* terapêuticos de grande valor” (FURTH, 2004, p. 17) sobre a psique do indivíduo no momento do desenho. Retomando a influência de Jung no tema, o autor reitera que

muitas das teorias em voga sobre a interpretação de trabalhos artísticos evoluíram a partir das ideias encontradas na obra de Carl Jung. Ele enfatizou a importância dos símbolos, e uma das formas pelas quais os símbolos expressam a sua importância é por meio dos desenhos do inconsciente. Por meio de tais desenhos, aproximamo-nos do uso de símbolos como agentes de cura. Esse agente faz parte, tanto somática quanto psicologicamente, do desenvolvimento do que Jung chama de “processo de individuação” (FURTH, 2004, p. 29).

Nesse sentido, Furth (2004) explica que, segundo Jung, desenhos e outras produções artísticas poderiam ser úteis como agentes de cura devido aos símbolos do inconsciente que neles emergiam. Para o autor, o reino do inconsciente, seja no âmbito coletivo ou pessoal, pode ser representado em produções artísticas por meio de imagens e símbolos.

O trabalho artístico de Nise da Silveira representou um marco significativo no campo da terapia e da psiquiatria: ao reconhecer a importância da expressão artística como uma forma terapêutica de comunicação e transformação, Nise abriu novos caminhos para a cura emocional e a reintegração social. Através da pintura, escultura e desenho, é possível oferecer aos pacientes um espaço seguro e acolhedor para explorar suas emoções, pensamentos e traumas de forma não ameaçadora. A criação artística se mostra como um canal valioso para expressar conflitos internos e acessar conteúdos psíquicos inconscientes (SILVEIRA, 2015).

A arte, nesse contexto, transcende as barreiras da comunicação verbal, tornando-se uma linguagem universal que permite aos pacientes se conectarem com partes de si mesmos que estão reprimidas, por exemplo. Essa abordagem terapêutica permite que as emoções sejam evocadas e elaboradas de maneira segura e

cuidadosa. A visão pioneira de Nise abriu portas para uma compreensão mais ampla do potencial transformador da expressão artística, reafirmando a importância da criatividade e da autoexpressão como recursos valiosos no cuidado da saúde mental.

O acesso a conteúdos inconscientes tem um papel importante também no processo de individuação, que consiste na integração dos diferentes aspectos da personalidade, incluindo tanto as partes conhecidas e aceitas quanto as partes desconhecidas e reprimidas do *self*. Esse movimento traz a ampliação da consciência e demanda o contato do indivíduo com o seu inconsciente pessoal e coletivo, de maneira a explorar símbolos, arquétipos e complexos que influenciam sua psique. A individuação mobiliza também a reconciliação dos opostos internos, como o masculino e o feminino, a luz e a sombra, visando a uma harmonia interior. É um processo que se mantém ao longo da vida e envolve uma autorreflexão contínua, cujo objetivo é o desenvolvimento constante do indivíduo em direção à totalidade e à integração entre o consciente e o inconsciente (VON FRANZ, 1964/2012).

A arteterapia oferece um meio de expressão não verbal e simbólico, permitindo que os indivíduos acessem conteúdos inconscientes e complexos emocionais que podem ser difíceis de serem expressos através de palavras. Complexos são elementos inconscientes formados por imagens mnêmicas de experiências traumáticas, situações psíquicas de forte carga emocional (JUNG, 1934/2000). O trabalho com complexos por meio da arteterapia oferece um caminho valioso para o crescimento e desenvolvimento da psique individual. Ao permitir a expressão criativa e a exploração simbólica, a arteterapia possibilita a transformação dos complexos, aprofundando o autoconhecimento e auxiliando no processo de individuação (FURTH, 2004).

#### **4.2. A experiência do luto**

O luto é um processo psíquico que ocorre após a perda de algo significativo, como um ente querido, um emprego, uma casa ou até mesmo um relacionamento. É uma experiência comum aos seres humanos, que pode mobilizar sentimentos intensos de tristeza, saudade, raiva e confusão. O luto, apesar de ser uma experiência

humana universal, é vivenciado de maneira única por cada indivíduo. De acordo com Franco (2021, p. 45), “a experiência humana de perder alguém significativo ou de ver romper-se um vínculo com uma situação que dava significado à própria vida, definindo os contornos de sua identidade, deixa marcas na biografia de qualquer pessoa”.

O fenômeno do luto, porém, nem sempre foi entendido da forma como é hoje. Ao retomar como se dá a compreensão do luto a partir do século XVII, Parkes (1998, 2001 e 2011 *apud* FRANCO, 2021) evidencia que a questão foi vista como um processo patológico durante séculos. É apenas no século XX que o tema passa a ser abordado a partir de diferentes perspectivas e a ser compreendido como um processo psicológico, e não mais como doença. Vale ressaltar que o luto é um fenômeno complexo e existem “diversas possibilidades de compreender o luto em suas múltiplas raízes, processos, resultados e demandas de intervenção” (FRANCO, 2021, p. 45). É importante pontuar, também, que análises e estudos sobre luto requerem alinhamento com o contexto no qual ocorre a pesquisa, englobando a realidade histórica, social, cultural e populacional.

A psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross trouxe contribuições importantes para o entendimento do luto em meados do século XX. A autora propôs diferentes estágios a serem perpassados durante o processo de luto, sendo eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Atualmente, a proposição de Kubler-Ross sobre as fases do enlutamento vem sendo bastante discutida, pois o luto tem sido estudado cada vez mais como um processo individual e único, que cada pessoa pode vivenciar de maneira diferente, não necessariamente tendo que passar por todas essas fases nessa ordem cronológica (FRANCO, 2021).

Jung (*apud* FIDÉLIS, 2000) entende que a morte é uma experiência humana natural e importante após uma perda significativa, permeada por uma somatória de conhecimentos culturais, histórico de vida, desenvolvimento cognitivo emocional e estruturação do dinamismo psíquico do indivíduo. Segundo o autor, o processo de luto não se trata apenas de superar a dor da perda, mas também se mostra como uma oportunidade para o crescimento pessoal: o luto pode proporcionar uma experiência catalisadora para o autoconhecimento e a transformação interior. Ao confrontar a

morte e a perda, o indivíduo é levado a uma reflexão profunda sobre o significado da vida, seus valores e prioridades.

Worden (1982/2013) descreve o luto como um processo ativo e dinâmico, que envolve a elaboração da perda e a adaptação a um novo contexto de vida. Segundo ele, existem quatro tarefas principais do luto que precisam ser enfrentadas para a elaboração da perda: a aceitação da realidade dessa perda, a vivência das emoções relacionadas ao luto, o ajuste a um mundo sem a presença do que foi perdido e a reafirmação da vida. Essas tarefas são consideradas como um caminho de transformação e reconstrução, permitindo ao enlutado integrar a perda em sua vida e encontrar um novo significado e propósito após o luto. O autor também enfatiza que o processo de luto é único para cada indivíduo e requer tempo e apoio adequado para ser vivenciado.

Segundo Stroebe e Schut (1999), a vivência do luto pode ser compreendida a partir de um processo dual de enfrentamento da perda. Esse modelo dual integra conceitos já existentes acerca do tema e descreve um processo de oscilação: ora o enlutado estaria orientado para a perda, ora para a restauração psíquica. Nesse sentido, a pessoa enlutada alterna entre confrontar os aspectos da perda que vivenciou e evitar o contato com essas memórias para reestabelecer seu funcionamento cotidiano (permitindo-se sair com amigos, trabalhar ou assistir um filme, por exemplo). Essa oscilação possui função regulatória adaptativa e se manifesta de formas diversas, a depender do funcionamento e da subjetividade de cada indivíduo. Ao longo desse processo de oscilação natural, o vínculo rompido é visitado e ressignificado para o indivíduo. Nesse sentido:

Desde que a morte não seja negada, não existe a expectativa de término do vínculo, o que dá lugar para a mudança na natureza da relação com o falecido, a construção de significado para a perda e até mesmo mudanças na identidade do enlutado (FRANCO, 2021, p. 61).

Destaca-se, ainda, que esse modelo ressalta as particularidades da experiência individual de cada um e proporciona o protagonismo do processo ao enlutado. Dessa forma, o indivíduo não se atém à expectativa de trilhar um percurso com fases pré-definidas e esperadas para a vivência do luto. No decorrer do processo

dual, se torna possível, para o enlutado, perceber, “por meio de seus recursos de enfrentamento, os significados que [sua relação com a pessoa, objeto ou relacionamento perdido] tinha antes da perda e como eles se reconstróem ou transformam ao longo do processo” (FRANCO, 2021, p. 61).

Tomando como base a teoria do apego de Bowlby, Franco (2010) aborda o processo de luto em suas obras e entende que, por se tratar de um fenômeno complexo, o luto pode se manifestar pela interação de cinco dimensões: cognitiva, emocional, física, espiritual e social/cultural. Esse modelo de compreensão do luto traz um enfoque maior nas emoções e em suas repercussões no corpo do enlutado. Nesse sentido, a dimensão cognitiva engloba, por exemplo, sensações de falta de concentração, desorganização e negação, enquanto a dimensão emocional diz respeito a sentimentos de culpa, raiva, choque, saudade, solidão etc. Em relação à dimensão física, podem surgir alterações no apetite e no sono, exaustão, dor de cabeça, choro e dispneia; podem se manifestar também, no que diz respeito à dimensão espiritual, sentimentos de perda ou aumento de fé, questionamento de valores e sonhos com o falecido. Por fim, a dimensão social/cultural engloba sensações de perda de identidade, isolamento e perda da capacidade ou vontade de se relacionar socialmente.

Existem variadas manifestações de luto relacionadas a diferentes tipos de perda. O processo de luto pode estar associado à morte de um ente querido, a separações conjugais, à perda de funções ou de partes do corpo, a um momento de demissão ou aposentadoria laboral, entre outras situações. O luto também pode ser caracterizado como antecipatório, quando surge atrelado ao processo de morrer e/ou de adoecimento, antes da perda efetivamente acontecer (ao receber um diagnóstico médico terminal, por exemplo). Em determinadas situações, a perda pode não ser vivenciada abertamente, seja por censura social ou do próprio indivíduo enlutado; esse contexto caracteriza o luto não reconhecido, comumente vivenciado em situações que envolvem, por exemplo, o término de uma relação extraconjugal, a morte de ex-cônjuges, de animais de estimação ou de amigos virtuais (FRANCO, 2021).

O processo de luto é dinâmico, plural e permeável a novas impressões, possibilitando inúmeras construções de significados acerca da situação que cada indivíduo enlutado vivencia. Apesar de se dar de forma individualizada para cada pessoa, o luto diz respeito a um tema universal à humanidade, que permeia todos nós. Para que seja possível resgatar a continuidade da vida após uma perda, o enfrentamento do luto demanda energia psíquica voltada para a construção de um significado para a perda e para a integração da relação com o que foi perdido.

### **4.3. Produções artísticas e o processo de luto**

O luto pode ser caracterizado pela reação natural do indivíduo que surge diante da perda ou do rompimento de um vínculo significativo com uma pessoa próxima ou com objetos, lugares, partes do corpo e outros. É um processo complexo que envolve a “reorganização e ressignificação do ser, do sentido de vida e da relação consigo, com o mundo, a perda e a morte” (JUNQUEIRA et al, 2021, p. 51). Para a elaboração do luto, é necessário espaço e tempo para permitir-se viver a dor da perda e as novas possibilidades que se criam a partir dela, retomando a continuidade da vida de forma transformada e mantendo, de forma simbólica, a relação perdida.

A vivência do processo de luto pode estar relacionada a emoções intensas e difíceis de serem expressas verbalmente; é nesse contexto que a arteterapia desempenha um papel valioso. Segundo Furth (2004, p. 34), “desenhos são comunicações diretas vindas do inconsciente e não podem ser facilmente camufladas, diferentemente da comunicação verbal”. Nesse sentido, os desenhos – e as produções artísticas no geral – se mostram como uma ferramenta valiosa para uma comunicação autêntica e genuína.

Em termos de preparar as pessoas para sua própria morte ou para a morte de alguém próximo, (...) as figuras inconscientes podem ser de uma ajuda incomensurável, ainda mais ao permitir que a pessoa que está morrendo ou seus amados confrontem a morte com dignidade (Furth, 2004, p. 25).

Ao permitir que os indivíduos expressem suas emoções e experiências através da criação artística, a arteterapia aparece como um recurso seguro e não ameaçador

para explorar os sentimentos de perda e tristeza. Além disso, a natureza tangível das criações artísticas proporciona uma representação concreta da experiência de luto, facilitando a compreensão e o processamento desses sentimentos dolorosos.

A capacidade da atividade arte terapêutica de permitir também que o enlutado reproduza cenas marcantes da morte do ente querido possibilita certo alívio psíquico. Ao concretizar a cena em uma imagem palpável, os pensamentos do indivíduo não permanecem aprisionados à mente de forma repetitiva e incômoda, e a relação com a cena traumática pode até mesmo transformar-se/ressignificar-se.

Ao externalizar e dar corpo à memória, aos afetos e às emoções, o enlutado não precisa mais carregar esse momento apenas dentro de si, podendo lidar com ele a partir de outras perspectivas (Neimeyer, 2019, Roos, 2012 apud JUNQUEIRA et al. 2021, p. 54).

Junqueira (2021) reitera que a utilização de técnicas expressivas permite que o enlutado expresse e materialize, de diversas maneiras, aquilo que está sendo vivido. Esse exercício de criação abre espaço para a comunicação de conteúdos muitas vezes difíceis de nomear, classificar e compreender. Nesse sentido, “o uso da arteterapia no acolhimento a enlutados tende a facilitar a abertura de um espaço de expressão, viabilizando a comunicação dos dolorosos sentimentos experimentados em razão da perda” (JUNQUEIRA, 2021, p. 17).

Em momentos de extremo sofrimento, como ao vivenciar a perda de uma pessoa querida ou receber um diagnóstico terminal, o indivíduo em geral para de participar de coisas que não são prioridade, redistribuindo sua energia psíquica que agora está majoritariamente direcionada para o processo de luto em questão (FURTH, 2004). Sob essas circunstâncias, a psique reordena as prioridades para se manter em equilíbrio.

Furth (2004) entende que, nesse contexto, desenhos e outros recursos artísticos podem auxiliar o paciente e o terapeuta a determinar, a partir de pontos focais da produção artística, onde a energia está situada – e se ela está “bloqueada” em algum nível, como por exemplo na repetição da vivência traumática de uma perda. A partir disso, é possível realizar um trabalho terapêutico com as questões envolvidas

no bloqueio e fazer com que essa energia passe a fluir novamente, e o paciente retome a continuidade da vida de forma transformada.

Com o auxílio das técnicas artísticas, é possível não só estabelecer uma comunicação terapêutica valiosa com indivíduos que se deparam com sua própria mortalidade ou com a de pessoas próximas, mas também “permitir que seus medos e emoções inconscientes tornem-se conscientes, sendo, assim, confrontados e resolvidos” (Kubler-Ross, 2004, p. 11).

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativo-descritiva elaborada sob o viés da Psicologia Analítica, é composta por uma revisão de literatura acerca do tema e por uma análise qualitativa a partir do método da Psicologia Analítica.

### **5.1. Levantamento bibliográfico**

De maneira a elaborar a fundamentação teórica da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema por meio de pesquisas online em portais acadêmicos, como SciELO, Portal de Revistas PUC-SP e Google Acadêmico. Foram selecionados materiais publicados nos últimos vinte anos e os descritores utilizados para as buscas foram palavras-chave tais como: arteterapia, Psicologia Analítica, luto, produções artísticas, símbolos e o cruzamento destes termos entre eles. Também foram pesquisados os mesmos descritores e seus cruzamentos na língua inglesa. A seleção dos artigos e textos científicos foi dividida em duas etapas: (1) levantamento inicial por meio de pesquisas utilizando as palavras-chave; (2) leitura dos resumos dos artigos encontrados e seleção daqueles que se adequavam aos objetivos da presente pesquisa.

### **5.2. Pesquisa qualitativa em Psicologia Analítica**

No contexto da Psicologia Analítica, foi escolhida a modalidade de pesquisa qualitativa para a realização do presente estudo. Tal modelo foi selecionado devido à efetividade desse em “refinar, precisar e examinar com minúcia o desenvolvimento e

as transformações de conceitos e suas complexas interações com os sistemas teóricos que habitam ou co-habitam” (DREHER, 2003 apud EIZIRIK, 2006). Segundo Penna (2007), a pesquisa qualitativa é caracterizada como uma abordagem interpretativa e compreensiva, que busca os significados e finalidades dos fenômenos em questão. Nesse sentido, essa modalidade de pesquisa

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A abordagem qualitativa dialoga diretamente com a pesquisa em Psicologia Analítica devido a seu “caráter compreensivo e interpretativo (...) e sua meta de buscar significados e finalidades na produção de conhecimento” (PENNA, 2007, p. 128). A pesquisa em Psicologia Analítica é considerada um processo dinâmico de produção de conhecimento científico do qual o pesquisador é parte integrante. Nesse sentido, o pesquisador interage com os aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno pesquisado, além de ter que se atentar a seus próprios elementos conscientes e inconscientes ao longo do processo. Uma vez que conhecimento e autoconhecimento são indissociáveis, o pesquisador junguiano participa ativamente do processo de investigação (PENNA, 2007).

### **A) Participantes**

Foram entrevistados três psicólogos(as) que utilizam técnicas de arteterapia em seus atendimentos psicoterápicos e têm conhecimento acerca da abordagem teórica da Psicologia Analítica.

### **B) Instrumento**

O procedimento de coleta foi composto por entrevistas semi-dirigidas. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 75), as técnicas de entrevista semiestruturada

são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados (...). Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes

têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa.

Além disso, é importante considerar que o pesquisador é coparticipante da realidade observada, ou seja, faz parte do processo de coleta e análise dos dados e, para isso, deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento para, posteriormente, ser capaz de refletir sobre o que ouviu.

### **C) Procedimento de coleta**

Os participantes foram selecionados a partir de indicações vindas da orientadora e/ou de contatos da própria pesquisadora. Posteriormente, o contato foi feito por meio de mensagens de texto, nas quais foram apresentadas informações tanto sobre a pesquisadora quanto sobre a pesquisa.

Os encontros foram feitos de maneira presencial ou online, a depender da disponibilidade do sujeito. Além da atenção à fala dos participantes, foram considerados também os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações da entrevistadora. O cuidado com a exposição dos participantes esteve presente de maneira constante.

### **D) Procedimento para análise dos resultados**

As entrevistas foram gravadas e anotadas com a anuência dos participantes. Posteriormente, foram feitas inúmeras leituras e sínteses das narrativas, a fim de se obter um relato condensado que contivesse as informações mais significativas.

As informações obtidas por meio da coleta de dados foram analisadas à luz da fundamentação teórica produzida no capítulo anterior. Dessa forma, as entrevistas foram analisadas inicialmente como um todo e, posteriormente, exploradas em detalhes com um maior foco no método da abordagem junguiana. Os temas centrais e as articulações elaboradas a partir deles foram definidos ao longo da investigação.

### **E) Considerações éticas**

Segundo a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, complementada pela 510/2016, as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender as

exigências éticas, através do respeito aos princípios listados a seguir e critérios disciplinados pelos textos normativos do Brasil. Considera-se que sempre há riscos nas pesquisas com seres humanos e deve haver a preocupação por parte do pesquisador em minimizá-los.

### **Autonomia**

O critério da autonomia se refere ao direito dos sujeitos da pesquisa à sua autodeterminação. Tal direito procura ser garantido nas pesquisas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pela proteção a grupos vulneráveis e a pessoas legalmente incapazes.

### **Beneficência**

Entende-se que a pesquisa deve estar comprometida com o bem de seus sujeitos individuais ou coletivos, reais e potenciais. Em vista disto, busca-se a prevenção de danos e riscos, além da garantia da participação dos sujeitos nos resultados benéficos da pesquisa.

### **Não-maleficência**

Afirma-se o compromisso de não causar danos, sejam eles físicos, psíquicos, morais ou éticos. Supõe-se a explicitação de medidas de prevenção diante dos riscos e de reparação diante de danos possíveis.

### **Justiça**

Entende-se a pesquisa deve ter relevância social e destinação humanitária, estando voltada para a proteção e cuidado das pessoas e do ambiente. Também é assegurada a distribuição equitativa dos custos e dos benefícios entre os sujeitos da pesquisa, sendo particularmente protegidos os sujeitos vulneráveis.

### **Privacidade e Confidencialidade**

Implícitas no critério da autonomia, a privacidade e confidencialidade são direitos do sujeito no que diz respeito aos dados da pesquisa que envolvem sua

intimidade, vida privada, imagem e todas as informações que os sujeitos quiserem ver preservadas. A privacidade e confidencialidade de tais dados foram explicitadas no TCLE, bem como esteve assegurado o uso das informações obtidas apenas dentro dos declarados objetivos da pesquisa.

Tendo isso em vista, todos os cuidados éticos explicitados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) foram respeitados e expostos para os indivíduos participantes na realização desta pesquisa. Foi apresentado, lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1). Além disso, foi utilizada uma linguagem clara e acessível para informar os participantes acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como explicar o direito ao sigilo, privacidade e à liberdade de recusa. A presente pesquisa foi submetida à análise na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (número do parecer: 5.736.470).

## **6 CAPÍTULO II: A RELAÇÃO ENTRE ARTETERAPIA E ELABORAÇÃO DO LUTO NA PRÁTICA CLÍNICA**

Este capítulo visa apresentar os resultados obtidos a partir de entrevistas realizadas com três psicólogos, cujo objetivo foi explorar as perspectivas desses profissionais acerca da intersecção entre arteterapia e o processo de luto, com base nos fundamentos teóricos da Psicologia Analítica. Foram realizadas entrevistas individuais com cada participante e cada entrevista teve duração aproximada de uma a uma hora e meia, proporcionando um tempo adequado para uma discussão aprofundada.

A primeira entrevista foi realizada de forma online, utilizando a plataforma Teams, com a participante identificada como Mariana. A segunda entrevista ocorreu de maneira presencial, em um instituto de arte e saúde mental, com o participante identificado como Murilo. Por fim, a terceira entrevista foi realizada de forma online, novamente utilizando a plataforma Teams, com a participante identificada como Poliana.

Durante as entrevistas, foram trazidos tópicos de discussão relacionados à interface entre produções artísticas e o processo de elaboração do luto, relacionando ambos os temas com os preceitos da Psicologia Analítica. Os psicólogos se mostraram extremamente receptivos, compartilhando suas perspectivas, conhecimentos e experiências nessa área. A confiança estabelecida durante as entrevistas foi essencial para a obtenção de dados ricos e significativos, e a contribuição dos participantes foi fundamental para uma compreensão aprofundada do tema.

No contexto deste capítulo, será realizada uma articulação entre os resultados das entrevistas e os capítulos teóricos apresentados anteriormente. Essa abordagem permitirá uma análise comparativa e reflexiva dos dados coletados em relação às teorias discutidas na fundamentação teórica acerca do tema. Será realizada a inclusão, entre aspas, de excertos selecionados de falas das entrevistas, o que contribuirá para a exposição dos resultados e preservação do sigilo dos participantes, garantindo a confidencialidade.

A combinação dos dados qualitativos provenientes das entrevistas e dos fundamentos teóricos da Psicologia Analítica possibilitará uma análise aprofundada e uma compreensão mais abrangente da interface entre arteterapia e luto. Além disso, a incorporação de trechos mencionados pelos psicólogos entrevistados enriquecerá a discussão, fornecendo insights valiosos e perspectivas práticas fundamentadas em suas experiências profissionais.

Com base nos relatos dos participantes das entrevistas – que foram lidos e relidos várias vezes – e no embasamento teórico da pesquisa, foram selecionados os seguintes temas centrais para discussão: a arteterapia como uma ferramenta para acessar, expressar e integrar conteúdos inconscientes; a comunicação consciente-inconsciente por meio de símbolos; a arteterapia como ferramenta para integrar aspectos dolorosos do luto; a elaboração do luto como um processo de integração de conteúdos psíquicos e propulsora do processo de individuação. Esses temas emergiram tanto a partir das experiências e percepções compartilhadas pelos psicólogos ao longo das entrevistas quanto da pesquisa realizada para a fundamentação teórica do presente trabalho.

## 6.1. Resultados e discussão

No decorrer da pesquisa, a arteterapia se mostrou como uma ferramenta para acessar, expressar e integrar conteúdos inconscientes. Através da criação artística, o sujeito pode explorar livremente imagens, cores, formas e símbolos, permitindo que esses elementos ganhem vida e se manifestem de forma tangível. A expressão artística abre um canal de comunicação direto com o inconsciente, transcendendo a linguagem verbal e permitindo a manifestação de conteúdos que muitas vezes estão além da nossa percepção consciente. Ao criar, o indivíduo pode acessar emoções, memórias, arquétipos e aspectos mais profundos de sua psique (JAFFÉ, 1964/2012; PHILIPPINI, 1995).

Na perspectiva da Psicologia Analítica, os símbolos desempenham um papel fundamental na expressão e integração dos conteúdos inconscientes. Os símbolos são representações arquetípicas universais presentes em todas as culturas e têm o poder de transmitir significados profundos e transcendentais. Na Arteterapia, os símbolos emergem naturalmente nas criações artísticas, revelando aspectos simbólicos da psique do indivíduo (FURTH, 2004). Poliana enfatiza que "na Psicologia Analítica, a arteterapia tem muita relação com os símbolos e com os arquétipos".

Ao trabalhar com os símbolos presentes nas produções artísticas, o terapeuta pode auxiliar o paciente na exploração e compreensão dos significados subjacentes, estimulando a reflexão, a interpretação e a integração dos conteúdos inconscientes. Esse processo pode promover *insights* e transformações pessoais, contribuindo para a sua jornada de individuação e desenvolvimento psicológico do paciente. Nesse sentido, a Arteterapia oferece um caminho de exploração profunda e criativa, permitindo ao indivíduo acessar e integrar conteúdos inconscientes de forma segura e guiada (FURTH, 2004). Por meio da expressão artística, os processos internos ganham visibilidade, e a interação com os símbolos proporciona um terreno fértil para a compreensão e a transformação pessoal.

Conforme relatado por Murilo, o uso da arteterapia busca quebrar o discurso pré-estabelecido, permitindo uma abertura para a expressão individual e a manifestação de conteúdos do inconsciente. Ele ressalta que, através da linguagem artística, é possível acessar conteúdos inconscientes e, ao mesmo tempo, conferir uma resolução formal a algo abstrato, proporcionando um acabamento mais consciente.

É válido ressaltar que “o fazer artístico por si só já é terapêutico” (Murilo), mas falar sobre a produção durante e/ou após a realização dela pode proporcionar “um processo ainda maior de integração entre os conteúdos” (Murilo), articulando o verbal com o não-verbal. Através da terapia artística, é possível oferecer um espaço seguro para que os conteúdos inconscientes sejam revelados e expressados, favorecendo a compreensão e a transformação pessoal.

A utilização de recursos artísticos proporciona uma abordagem terapêutica única, que vai além das palavras e oferece uma forma profunda de autoconhecimento, permitindo que os conteúdos inconscientes sejam revelados, expressados e integrados, impulsionando o processo de individuação e promovendo o crescimento psicológico e espiritual do indivíduo.

Um aspecto importante para a discussão acerca do tema é a relação da arteterapia com a comunicação consciente-inconsciente por meio de símbolos. Sob a perspectiva da Psicologia Analítica, o inconsciente é compreendido como uma instância que abriga elementos que estão além da consciência individual, incluindo experiências pessoais reprimidas, memórias, arquétipos e padrões coletivos, além de potenciais não desenvolvidos. O inconsciente está em constante interação com a consciência, influenciando nossos pensamentos, emoções e comportamentos de maneiras sutis e complexas (JUNG, 1928/2014).

Os símbolos, por sua vez, são formas de comunicação que transcendem a linguagem verbal e têm a capacidade de ativar associações e respostas emocionais profundas. Mariana destaca que “nosso cérebro funciona com imagens e os símbolos vêm com imagens”, ressaltando a importância da dimensão imagética na comunicação do inconsciente. Os símbolos são expressões arquetípicas universais,

presentes em todas as culturas e tempos, e carregam significados simbólicos coletivos que ressoam com a psique humana em um nível profundo (WHITMONT, 1969/2004).

A interpretação dos símbolos requer uma compreensão dos arquétipos, que são padrões universais de significado presentes no inconsciente coletivo. Os arquétipos são imagens e temas simbólicos que aparecem repetidamente nas mitologias, nos contos de fadas, nas religiões e nas artes, refletindo aspectos essenciais da experiência humana. Eles estão enraizados no inconsciente e têm o poder de despertar respostas emocionais e insights profundos (JUNG, 1928/2014).

A comunicação consciente-inconsciente por meio dos símbolos ocorre quando esses símbolos emergem na consciência, seja por meio de sonhos, imaginação ativa, fantasias ou criações artísticas. Murilo enfatiza que “as pessoas simbolizam, através da arte, conteúdos inconscientes; esses conteúdos, caso não sejam simbolizados de alguma forma, ficam no inconsciente e podem se tornar complexos autônomos de forte carga emocional”. Os símbolos, por sua vez, podem ser expressos visualmente, através de imagens, cores e formas, ou podem se manifestar por meio outras formas sensoriais, como sons, cheiros ou sensações táteis.

Ao explorar e interpretar os símbolos presentes na comunicação consciente-inconsciente, o psicólogo junguiano busca compreender os significados pessoais e coletivos que estão sendo transmitidos. Através da reflexão, do diálogo e da análise, tanto o terapeuta quanto o indivíduo podem desvendar camadas ocultas da psique, revelando aspectos reprimidos, desejos inconscientes, padrões repetitivos e potenciais não realizados. Essa comunicação consciente-inconsciente através dos símbolos pode ser facilitada com o uso de recursos artísticos e permite uma conexão profunda com as partes mais profundas do ser humano, possibilitando a ampliação da consciência, a integração de conteúdos inconscientes e o despertar do potencial criativo e transformador do indivíduo.

A arteterapia também aparece como uma ferramenta importante para integrar aspectos dolorosos do processo de luto. O luto é uma experiência que nos confronta com a ausência e a perda, levando-nos a enfrentar uma série de desafios emocionais e psicológicos. A perda, nesse caso, pode ser compreendida não apenas como a

ausência física de algo ou alguém, mas também como uma ruptura simbólica, capaz de desencadear uma série de emoções intensas e desafiadoras (FRANCO, 2010, 2021).

Mariana destaca que “o ego tem dificuldades de se relacionar com o assunto do luto, o grande X da morte é o impacto no ego, então é preciso desconstruir barreiras”. Nesse sentido, a arteterapia pode ser um meio de acesso mais livre e espontâneo que diminui essas resistências. Ao trabalhar com materiais artísticos e expressivos, como pintura, escultura, escrita criativa e colagem, o indivíduo é convidado a explorar esses aspectos sombrios do luto de forma simbólica e criativa.

“Os recursos terapêuticos entram como um meio de abordar coisas pesadas com um distanciamento seguro, sem desmontar e sem perder o equilíbrio em si” (Mariana). A criação artística permite uma expressão livre e não censurada das emoções, fornecendo um espaço seguro para o indivíduo confrontar, processar e integrar as vivências dolorosas do luto. Além disso, é importante trabalhar e enfrentar o luto através de vários ângulos, e “é aí que entra muito a criatividade” (Mariana). Se mostra necessário proporcionar e garantir espaço para que todos os aspectos que permeiam o processo de luto sejam trabalhados de uma forma criativa e não defensiva, ressaltando também a singularidade de cada perda e vivência individual.

Através da arteterapia, é possível acessar conteúdos inconscientes relacionados ao luto e trazê-los à consciência por meio do simbolismo presente nas produções artísticas, “ressignificando através da arte” (Mariana). Os símbolos expressos nas obras de arte podem representar a dor, a tristeza, a raiva, o vazio e outros aspectos emocionais do luto, permitindo que sejam explorados, compreendidos e transformados. A psicóloga também destaca que a realização de colagens, por exemplo, é um ótimo jeito de representar o processo de elaboração do luto para o paciente, trazendo uma sensação de que “fica tudo caótico e você vai colocando em ordem, no lugar, reorganiza” (Mariana).

A interação com os materiais artísticos oferece uma oportunidade para o indivíduo entrar em contato com sua própria força criativa e recursos internos. A

criação artística permite a expressão de aspectos luminosos e esperançosos do luto, como a aceitação e a busca por significado. Essa integração dos aspectos sombrios e luminosos do luto contribui para um processo de cura mais equilibrado e transformador. Na perspectiva da Psicologia Analítica, o trabalho com os aspectos sombrios do luto também envolve a exploração dos arquétipos da morte e do renascimento (Mariana). Esses arquétipos representam processos fundamentais de transformação e transição, nos quais a perda e o luto desempenham um papel central. Através da arteterapia o indivíduo pode entrar em contato com esses arquétipos e vivenciar um processo de renovação e crescimento interior, encontrando um novo significado e propósito após a perda.

A arteterapia também desempenha um papel importante na ritualização do luto: “o ritual é importante em vários pontos de transição do ser humano: a morte representa uma passagem do outro, mas com a qual meu mundo também modifica, então o ritualizar é muito importante; ter uma realização num espaço seguro do setting terapêutico, com o terapeuta como testemunha – porque nossa dor também precisa de testemunhas –, e a concretização de materializar sua perda” (Mariana).

Discorrendo sobre o tema, Poliana relata o caso de uma paciente que perdeu o namorado em um acidente no qual ela estava presente, mas não se machucou. No processo de elaboração desse luto, a arteterapia desempenhou um papel importante: a paciente foi convidada a representar em imagens os sonhos que ela tinha, utilizando o desenho e a pintura como parte de seu dia a dia ao longo do processo terapêutico. Ela também tinha a possibilidade de criar em sua própria casa após ter sonhado, para que pudessem analisar juntas os símbolos que surgiam a partir desses sonhos. Com o passar do tempo, a imagem do namorado foi tomando outro significado que não o da perda, trazendo sentimentos de conforto para além da dor.

Nessa mesma linha, Mariana traz o caso de uma cliente que vivenciou a perda de ambos os pais em menos de um ano. Sua mãe estava com uma doença terminal, enquanto seu pai adoeceu com um câncer e acabou falecendo antes da mãe. A cliente enfrentava muitos pesadelos e trazia imagens oníricas relacionadas ao luto. Nesse processo terapêutico, elas trabalharam intensamente com a argila, explorando a

metáfora do barro e do criar e desmanchar, que traz um interessante paralelo com o processo de alquimia – em seus estudos, Jung discorre sobre a alquimia como uma representação simbólica do processo de transformação interior que ocorre em nível psicológico (JUNG, 1944/1991). Através da transformação dessas experiências em imagens palpáveis, diferentes das imagens dos pesadelos, a paciente em questão pôde olhar para o luto a partir de uma perspectiva nova e significativa.

Esses exemplos práticos ilustram como a arteterapia pode ser utilizada de forma individualizada e adaptada a cada situação de luto, proporcionando um espaço seguro e criativo para a expressão e o processamento das emoções. Ao permitir a expressão criativa e simbólica das emoções, a arte pode ser uma ferramenta valiosa no processo de elaboração do luto, promovendo a cura, a compreensão e o crescimento pessoal, bem como a transformação das experiências traumáticas em novas perspectivas de significado e cura. Torna-se possível, para o paciente enlutado, retomar a continuidade de vida de forma transformada e a representação interna positiva da relação perdida (JUNQUEIRA, HERNANDES, FRANCO, 2021).

A elaboração de um luto envolve um processo significativo de integração de conteúdos psíquicos e pode se mostrar como uma experiência propulsora do processo de individuação. Durante o processo de luto, é comum que uma variedade de conteúdos psíquicos, muitas vezes inconscientes, sejam ativados e se tornem alvo de reflexão e trabalho terapêutico. Nesse sentido, a perda também oferece uma oportunidade para um mergulho profundo em nós mesmos, buscando a integração das partes perdidas em nossa psique.

O processo de elaboração do luto envolve um movimento de integração desses conteúdos psíquicos, possibilitando a reelaboração da relação com o que foi perdido. Nesse contexto, é possível explorar as memórias, os afetos e os significados atribuídos ao que foi perdido, bem como identificar e confrontar os aspectos sombrios, dolorosos e não resolvidos presentes na experiência de luto.

Através do diálogo terapêutico e da expressão criativa, torna-se possível acessar as camadas inconscientes da psique, tornando-as objeto de reflexão e

integração. A integração das partes “perdidas” em nossa psique não significa simplesmente superar a dor da perda, mas envolve um processo de transformação e crescimento pessoal. Ao elaborar conscientemente as emoções, os pensamentos e os aspectos dolorosos relacionados ao luto, abrimos espaço para um profundo trabalho interior de compreensão, aceitação e reintegração dessas partes.

Nesse contexto, as tarefas do luto descritas por Worden (1982/2013), como a aceitação da realidade da perda, a vivência das emoções relacionadas ao luto, o ajuste a um mundo sem a presença do que foi perdido e a reafirmação da vida, podem ser vistas como “paralelas ao processo de individuação” (Mariana). Ambos os processos requerem um trabalho individual, consciente e único, onde o indivíduo é desafiado a explorar e integrar suas vivências, emoções e transformações.

Sob esse mesmo viés, Poliana ressalta que as produções podem ser revisitadas após algum tempo, permitindo uma nova perspectiva sobre os temas trabalhados artisticamente ao longo do processo terapêutico, e relaciona essa ideia também com o processo de individuação, que é um trabalho contínuo de autoconhecimento a ser revisitado constantemente.

Além disso, vale destacar a semelhança entre a dinâmica de opostos presente na psique e os sentimentos contraditórios – tristeza, raiva e culpa, mas também esperança, fé e renovação – que coexistem no processo de luto. A arteterapia, nesse contexto, se mostra como uma ferramenta que pode auxiliar na integração de conteúdos opostos. Trabalhando com esse tema, Murilo menciona um caso em que uma cliente parecia otimista, mas, durante a arteterapia, criou um arranjo de várias flores escuras atrás com algumas flores brancas à frente. Ao conversar com o terapeuta sobre o arranjo, ela acabou verbalizando inúmeros aspectos negativos que ela vinha sentindo e que, até aquele momento, nem ela mesma havia se dado conta. Essa expressão artística pode ser vista como uma analogia para a integração dos sentimentos contrastantes presentes no luto, revelando a dinâmica dos opostos na psique.

A elaboração do luto, portanto, se revela como uma jornada de descoberta e integração de aspectos profundos da psique, permitindo ao indivíduo se reconectar com partes de si mesmo que foram afetadas pela perda. Esse processo propicia o fortalecimento da identidade pessoal, o amadurecimento emocional e a possibilidade de encontrar um novo sentido e propósito após a perda. Ao enfrentar e trabalhar conscientemente com os conteúdos inconscientes relacionados ao luto, o indivíduo se envolve em um processo de autodescoberta, crescimento e busca por sua totalidade psicológica. O luto, assim, se torna uma oportunidade para aprofundar a jornada de individuação, promovendo uma maior consciência de si mesmo e a realização do verdadeiro potencial pessoal.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa foi compreender o papel da arteterapia e das produções artísticas na elaboração do luto, embasado na teoria da Psicologia Analítica. Ao longo deste estudo, foi possível explorar a relação entre a arteterapia e o processo de enfrentamento e integração das perdas vivenciadas no luto, reconhecendo a importância dessa abordagem terapêutica sob o viés da teoria junguiana.

As principais conclusões da pesquisa evidenciaram que a arteterapia se revela como uma ferramenta valiosa para acessar, expressar e integrar conteúdos inconscientes relacionados ao luto. Por meio da comunicação consciente-inconsciente por meio dos símbolos, os indivíduos conseguem explorar e dar forma às suas experiências de luto, facilitando a reflexão, a compreensão e a elaboração emocional.

Ao realizar este estudo, tive a oportunidade de entrar em contato com profissionais da área, que se mostraram extremamente receptivos e atenciosos, contribuindo significativamente para o aprofundamento do meu conhecimento sobre a utilização da arteterapia no contexto do luto. Essa experiência proporcionou uma

compreensão mais ampla de como a arteterapia pode ser uma ferramenta fundamental para auxiliar as pessoas a lidarem com a temática da morte e do luto.

No entanto, é importante mencionar as dificuldades encontradas ao longo do processo, especialmente em relação à busca por participantes para a pesquisa. Embora muitos psicólogos tenham inicialmente se mostrado interessados em participar, enfrentei alguns obstáculos ao longo do caminho, o que atrasou o cronograma das entrevistas. No entanto, persisti e encontrei profissionais que se dispuseram a colaborar, o que contribuiu para a realização do estudo.

Destaco também a experiência enriquecedora de me deslocar para outra cidade para realizar uma das entrevistas, tendo a oportunidade de conhecer um local terapêutico e vivenciar um ambiente de prática arteterapêutica. Essa experiência proporcionou uma perspectiva prática e enriqueceu minha formação acadêmica.

É importante ressaltar que esta pesquisa representa um recorte em um campo vasto e complexo. O luto, a arteterapia e a psicologia analítica são temáticas que demandam uma abordagem cuidadosa e aprofundada. Delinear uma linha de estudo entre essas possibilidades foi um exercício de síntese desafiador, mas necessário para o desenvolvimento deste trabalho, visando explorar as temáticas centrais da pesquisa com profundidade e oferecer uma contribuição significativa para a compreensão do assunto.

A presente pesquisa aponta para a necessidade de mais estudos e pesquisas sobre o tema, uma vez que a relação entre luto, arteterapia e Psicologia Analítica ainda é pouco explorada. Um estudo interessante a ser realizado nesse tema, por exemplo, seria uma pesquisa com indivíduos que tiveram uma experiência de luto e vivenciaram a psicoterapia junguiana com a utilização de recursos artísticos para elaborar sua perda. Existe um vasto campo de possibilidades para aprofundar o conhecimento e enriquecer as práticas terapêuticas nessa área.

Que essa pesquisa possa lançar luz sobre as possibilidades terapêuticas da arteterapia no contexto do luto, inspirando novas abordagens e oferecendo suporte a todos aqueles que enfrentam o desafio de elaborar suas perdas. Que a arte e a

Psicologia Analítica continuem a ser aliadas na jornada de cura e desenvolvimento pessoal.

## 8 REFERÊNCIAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CARVALHO, M<sup>a</sup> Margarida Moreira J. O que é arte-terapia. *In*: CARVALHO, M. M. M. J. (Org.): **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

EIZIRIK, Cláudio Laks. Psicanálise e pesquisa. **Rev Bras Psiquiatr**. 28(3), p. 171-2, 2006.

FIDÉLIS, V. C. A morte na visão de Carl Gustav Jung, e a importância de sua teoria para a leitura simbólica das doenças psicossomáticas. *In*: ESCUDEIRO, Aroldo (Org.). **Reflexões sobre a morte e a perda**. São Paulo: 2000, p. 173 - 183.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FRANCO, M. H. P. **Formação e rompimento de vínculos**: O dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. São Paulo: Paulus, 2004.

HERMANN, Ingrid. **A mitologia como ponte para a expressão da alma**. IJEP – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, 2019. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/artigos/show/a-mitologia-como-ponte-para-expressao-da-alma>. Acesso em: 22/04/2022.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. *In*: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus Símbolos (1964)**. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente (1928)**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Obras Completas de C.G. Jung, VII/2. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos (1934). *In: A Natureza da Psique*. Obras Completas de C. G. Jung, VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 39-52.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia (1944)**. Obras Completas de C. G. Jung, XII. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNQUEIRA, F. M.; HERNANDES, L. R.; FRANCO, M. H. P. Arteterapia e luto: recursos expressivos no atendimento ao enlutado. *In: FRANCO, M. H. P.; ANDERY, M. C. R.; LUNA, I. J (org.). Reflexões sobre o Luto: Práticas Interventivas e Especificidades do Trabalho com Pessoas Enlutadas*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 51-72.

JUNQUEIRA, F. M. **Arteterapia e luto: uma revisão integrativa**. 133 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

KLUBER-ROSS, E. Prólogo. *In: FURTH, Gregg M. O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 9-11.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. Pesquisa em Psicologia Analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **BOLETIM DE PSICOLOGIA**, VOL. LVII, nº 127, p. 127-138, 2007.

PHILIPPINI, Ângela. Universo Junguiano e Arteterapia. **Imagens da Transformação**, v. 2, p. 1-5, editora Pomar, 1995.

REIS, Alice Casanova. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 34 (1), p. 142-157, 2014.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

STROEBE, M. S.; SCHUT, H. **The dual process model of coping with bereavement**: Rationale and description. *Death Studies*, Filadelfia/USA, v. 23, p. 197-224, 1999.

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA – UBAAT. **Arteterapia**. 2022. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com.br>. Acesso em 18/10/2022.<sup>1</sup>

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. *In*: JUNG, C. G. **O homem e seus Símbolos (1964)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo**: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica (1969). 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental (1982). 4ª ed. São Paulo: Roca, 2013.

**ANEXO 1****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO****CONVITE**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP. A identificação da pesquisa, da pesquisadora e de sua orientadora estão descritas abaixo.

Leia atentamente o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** a seguir. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecido(a), e se dispuser voluntariamente a participar, agradeceremos por sua importante colaboração.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA**

Título da Pesquisa: ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: O PAPEL DAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO

Objetivo Geral: A pesquisa busca compreender o papel da arteterapia e das produções artísticas na elaboração do luto com embasamento teórico na Psicologia Analítica.

Objetivos Específicos: 1. Investigar a importância da utilização da arteterapia durante o processo de luto dos indivíduos; 2. Compreender os símbolos envolvidos na terapia artística realizada dentro do contexto do luto.

Esta pesquisa está relacionada à elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para o curso de Psicologia da PUC-SP.

Aluna Pesquisadora: Beatriz Nogueira Arbex

Pesquisadora Responsável e Orientadora da Pesquisa: Flávia Arantes Hime

**FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Estou ciente de que a minha participação nessa pesquisa será por meio de uma entrevista, realizada de maneira presencial ou online, a depender de minha preferência. A entrevista terá duração média de uma hora e meia e será realizada em

local reservado para garantir minha privacidade e o sigilo das informações prestadas à pesquisadora.

### **RISCOS E BENEFÍCIOS**

Fui esclarecido(a) que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, benefícios para os seres humanos, a comunidade e a sociedade. Estou ciente de que é possível que ocorram alguns desconfortos ou riscos para mim, como estar diante de questões que eu não saiba responder, ou acerca das quais eu não tenha conhecimento suficiente ou aprofundado. Estou ciente de que a Pesquisadora fará o possível para reduzir esses desconfortos, principalmente mediante a disponibilização prévia de todos os esclarecimentos necessários além de cuidados éticos. Também não serei privada nem limitada em qualquer dos meus direitos, nem intimidada a qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

### **SIGILO E PRIVACIDADE**

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, que meu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma forma, me identificar, assim como os referentes às pessoas que porventura eu citar, será mantido em sigilo pela Pesquisadora, que se responsabilizará pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados, porém sem a identificação dos participantes.

### **AUTONOMIA**

Estou ciente de que terei toda a assistência necessária durante a pesquisa, bem como me será garantido o livre acesso a todas as informações e/ou esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, se eu me retirar da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

### **RESSARCIMENTO**

Estou ciente de que a pesquisa não envolve nenhuma ajuda de custo às/aos participantes.

## CONTATO

Estou ciente de que a Pesquisadora Responsável por este projeto é a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Arantes Hime, e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (11) 3670-8320, ou pelo e-mail [fahime@pucsp.br](mailto:fahime@pucsp.br). Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP é composto por profissionais qualificados daquela universidade, que trabalham para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados, avaliando se a pesquisa foi planejada e está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginei, ou estiver sendo prejudicado(a) de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, à Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, Tel. (11) 3670-8466, e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br).

## DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que tive a oportunidade de discutir e esclarecer todas as informações deste termo com a Pesquisadora. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito(a) com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pela Pesquisadora.

Dessa forma, manifesto meu **consentimento livre e esclarecido** em participar voluntariamente da pesquisa ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA: O PAPEL DAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO, conduzida pela equipe composta por Beatriz Nogueira Arbex e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor financeiro a receber ou a pagar por minha participação.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da/o participante

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime  
Responsável pela pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da aluna pesquisadora